

“PEDREIROS LIVRES”, MAÇONARIA E IGREJA: impressões e conjecturas

*Dom Xavier Gilles**

1 PROLEGÔMENOS

A Igreja é convidada pelos seus pastores a uma vivência coerente da fé, a um compromisso profético na denúncia e na luta, a partir da opção evangélica pelos pobres. Esta mesma Igreja proclama que nós cristãos somos chamados a explicitar a presença do Reino de Deus. Assim, os pastores desta Igreja ao escreverem uma mensagem ao povo de Deus no Maranhão, afirmam: o rosto da nossa Igreja deve ser também de diálogo, participação, e ser ecumênico para promover o Reino. Desta forma, todas as pessoas de boa vontade são conclamadas a enfrentar de mãos dadas os grandes desafios, quais sejam: políticos, ambientais e ecumênicos.¹

Recentemente, um fato na Diocese de Viana-MA, nos chamou atenção: uma celebração Eucarística em decorrência do jubileu de sacerdócio do Mons. Sérgio Ielmetti, pároco da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, em Vitória do Mearim-MA. A Loja Maçônica, através de seus membros se fez presente rezando, louvando e agradecendo a Deus pelo dom da vida daquele irmão no presbitério. Percebia-se um clima de tamanha expressão de fé e veneração!

* Bispo da Diocese de Viana- MA, vice-presidente do Regional – CNBB-MA e da CPT - Nacional.

¹ REGIONAL NORDESTE 5 DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRAIL. **Assembléia do Povo de Deus**. Processo de construção do 4º Plano Pastoral. São Luís: Regional Nordeste 5 da CNBB, p. 120.

Como sabemos, muitas paróquias, movimentos, associações laicais, grupos missionários, voluntários leigos, funcionários das instituições católicas possuem maçons. A pergunta é: como devemos agir na prática pastoral? Dom Lelis Lara, CSSR assessor jurídico – canônico da CNBB, certa vez nos respondeu: “parece-me que, de modo geral, a maçonaria é considerada como uma espécie de clube de serviço, mais ou menos como o Rotary Club e Lyons Club. Muitos de nossos fiéis agentes de pastoral e outros bem engajados e participantes são membros da maçonaria. Estes dizem que não estão percebendo nada que contraria a doutrina Católica. Caso percebam contradições entre princípios da maçonaria e a fé Católica eles devem fazer sua opção”.

Por outro lado, percebe-se uma certa incompatibilidade entre a doutrina da Igreja Católica e a doutrina da maçonaria. Paul Gourdeau, antigo mestre do Grande Oriente da França afirmou certa vez:

O que importa compreender, é que o combate travado atualmente condiciona o futuro, especialmente a evolução da sociedade. Tem fundamento no confronto de duas culturas: uma baseada no Evangelho e a outra baseada na tradição histórica de um humanismo republicano. Essas duas culturas são radicalmente opostas uma à outra: ou a verdade é revelada e intocável, admitindo um Deus na origem de todas as coisas; ou a verdade encontra seu fundamento nas construções do homem sempre sujeitas a novos questionamentos porque perfectíveis ao infinito. A respeito dessa perpétua batalha reiniciada com vigor há algum tempo, dizia Malraux que o século

XXI seria religioso ou nada seria. É a essa afirmação, a esse desafio que nos compete responder².

Na Alemanha o episcopado, após seis anos de estudos, concluiu que há uma certa incompatibilidade entre a Igreja Católica e a maçonaria pelos seguintes motivos:

- a) o relativismo e o subjetivismo são convicções fundamentais na visão que os maçons têm do mundo;
- b) o conceito maçônico de religião é relativista: todas as religiões seriam tentativas, entre si competitivas, em anunciar a verdade divina a qual, em última análise, seria inatingível. Tal conceito de religião implica numa visão relativista que não pode conciliar-se com a convicção cristã;
- d) o conceito maçônico de Deus (Grande Arquiteto do universo) é uma concepção marcadamente deísta: um "ser" neutro indefinido e aberto a toda compreensão possível e pessoal, minando o conceito de Deus dos Católicos e a resposta ao Deus que os interpela como Pai e Senhor;
- e) A visão maçônica de Deus não permite pensar numa revelação de Deus; como se dá na fé e na tradição de todos cristãos;

² Esta entrevista foi concedida por Mons. Jean Bonfils, Bispo de Nice (França), ao periódico "Les Nouvelles Religieuses em 5 de abril de 2002. **Humanisme**, outubro 1990. Apud. Ser católico e maçom. **Pergunte e responderemos**. n. 505, p. 321, 2004.

- f) A idéia maçônica de tolerância deriva de seu relativismo com relação a verdade. Semelhante conceito abala a atitude do católico na sua fidelidade à fé e no reconhecimento do Magistério da Igreja;
- g) A prática ritual maçônica manifesta-se nas palavras e nos símbolos, um caráter semelhante ao dos sacramentos, como se, sob aquelas atividades simbólicas se produzisse algo que objetivamente transformasse o homem;
- h) o conceito maçônico acerca do aperfeiçoamento ético do homem é absolutizado de tal modo desligado da graça divina, que já não resta espaço algum para justificação do homem segundo o conceito cristão;
- i) A espiritualidade maçônica pede aos seus adeptos, uma tal exclusiva adesão para a vida e para a morte, que já não deixa lugar à ação específica e santificadora da Igreja. Esta fica de **fora sobrando**. Certa vez encontramos um escrito em italiano, sem autoria, a firmando: "mais do que nunca, as forças secretas do mal arregimentam os batalhões dos anti-cristo: maçonaria, protestantismo, judaísmo, comunismo, nazismo e fascismo, principais quartéis contra a Igreja de Deus. É preciso que estejamos alerta contra suas perversas insinuações de lobos vestidos de ovelhas. Mas do que em outras, a hora presente é a de não desprezarmos o conselho de S. Pedro (cap. 5, v.8-9) "Sedes sóbrios, vigiai! Vosso

adversário, o diabo, como um leão que ruge, ronda, procurando a quem devorar. Resistilhe, firmes na fé...". (E quando tais inimigos quiserem nos arrastar para suas fileiras, imitemos o exemplo deste grande apóstolo repetindo "Senhor se me afastar de vós, para onde irei?

Tentemos refletir: que nos perdoem os alemães, italianos e franceses que sofrem e padecem do anticlericalismo exacerbado. Quantas pessoas não chegam a certos postos e não assumem responsabilidades pelo fato de não serem maçons? Quantas vezes ouvimos dizer: "les frères trois points" impediram isto, aquilo; fizeram isto ou aquilo. Como Dom Jean Bonfils, digamos: interessa-nos apenas fazer brilhar o esplendor da verdade, da qual não somos donos, mas servidores.

Com inteira disponibilidade em podermos vangloriar-nos de ser ministros de uma religião cuja moral abrange as virtudes úteis à sociedade, cujo caráter distintivo é a igualdade fraterna. O Evangelho anuncia que os homens e mulheres são todos irmãos. Consagra os princípios além de outros, de igualdade, liberdade e fraternidade.

Originário da Europa Ocidental Católica, em alguns momentos, vislumbramos com uma certa nitidez o referencial maçônico. Os Templos do Deus Único: Catedrais, Basílicas, Santuários etc., quando de suas construções foram impregnados de um baluarte que os distinguia no passado e permanece no presente: VOÛTE EM BERCEAU, DOUBLEAU, RANDE ARCADE, VAISSEAU CENTRAL, PILLIER DE LA CROISÉE, DÉAMBULATOIRE, CARTOUCHE, CARIATIDE, termos de arquitetura as encontramos tradução adequada para o português "pedreiros livres".

Desde nossa juventude ouvimos falar de maçons dignos, honrados, maçons ambiciosos, egoístas, inimigos

da Igreja, por outro lado, de maçons que carregam consigo graus de santidade. Contudo, afirmamos: Deus se interessa por cada um, tal qual ele é, em seu dia a dia. Deus é um Ser que se deixa encontrar. Ele fala ao homem como amigo e este poderá responder confiante. Os maçons, os “pedreiros-livres” realizaram obras de arte para tentar encontrar a verdade, para tanto, pintaram telas, prédios, esculpiram poemas e textos da Sagrada Escritura. Tudo isso, com o intuito de aproximar-se do Grande Arquiteto do Universo; para nós, o Deus Altíssimo, o pai dos empobrecidos, os prediletos de Iahweh.

2 IMPRESSÕES

O nosso intuito no momento é fomentar e refletir apenas algumas impressões sobre “pedreiros livres”, Maçonaria e Igreja. Temática um tanto genérica, dada à sua natureza e complexidade. Pois não se concebe com facilidade decodificar as relações entre estas duas instituições milenares em alguns minutos de discussão. Desejamos apenas nos inspirar na pessoa de Santo Tomás que soube manter com o diálogo e o conteúdo de sua doutrina harmonia com o pensamento árabe e o pensamento judaico do seu tempo, favorecendo um certo entendimento entre a razão e a Fé.³

A história da humanidade está povoada de acontecimentos relacionando Maçonaria e Igreja. Portanto, não temos pretensão em dissecar o tema, ao contrário, propomos uma trajetória espiritual itinerante, para nos facilitar um diálogo fraterno ainda maior, por difícil que possa parecer aos olhos de alguns céticos.

³ COLLANTES, Justo. **A fé católica**: documentos do magistério da Igreja. das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro: Lúmen Christi, 2003, p. 113.

Destarte, a Maçonaria e a Igreja passaram por momentos de construção de unidade, de colaboração mútua além do resgate de certos valores significativos. Por outro lado, de ambas as partes construiu-se focos de inimizade e indiferença. Daí a complexidade dos acontecimentos e conseqüentemente das relações.

Propomos, outrossim, aos “pedreiros livres” de forma alternada, refazer um certo caminho itinerante com a Maçonaria e, reafirmar, proclamar o Caminho, o Cristo Jesus, que nos revela o Pai, o qual nos enviou o seu Espírito.

Alguns de nós, com toda certeza, senão todos os maçons, já lemos nos dicionários, enciclopédias, definições da Maçonaria que vislumbram verdadeiras virtudes, tais como: a Ordem Maçônica é uma associação de homens sábios e virtuosos que se consideram irmãos entre si e cujo fim é viver uma perfeita igualdade, intimamente unidos por laços de recíproca estima, confiança e amizade, estimulando-se uns aos outros na prática das virtudes. A Or.: Mac.: foi sempre e deve continuar a ser união consciente de homens inteligentes, virtuosos, desinteressados, generosos, devotados, irmãos livres e iguais, ligados por deveres de fraternidade para prestarem mútua assistência e concorrerem, pelo exemplo e pela prática das virtudes, para esclarecer os homens e prepará-los para a emancipação progressiva e pacífica da humanidade.⁴

Definições desta natureza são belas, contagiantes, mas de nada valeriam a um iniciado esforçar-se para fazer a experiência do aprendizado, discipulado, operário, do pedreiro, ou seja, daquele que não teoriza as verdades, mas que as vivencia, as experimenta na própria pele.

⁴ Cf. LACOMBE, Américo Jacobina-BARBOSA, Francisco de Assis. Maçonaria. In: _____. **Enciclopédia Mirador Internacional**. São Paulo: Encyclopædia Britannica do Brasil Publicações, 1980, p. 7084.13v.

A natureza jurídica da Igreja é composta de dois elementos centrais: instituição e carisma. Enquanto instituição se materializa como ordenamento jurídico, enquanto carisma exterioriza-se pela ação do povo de Deus, iluminado pelo Espírito Santo. Há um fim definido, o qual contagia toda sua ação: *salus animarum*. Vive da Graça e do Dom, da experiência beatífica do Deus altíssimo. O mesmo Deus que privilegia os empobrecidos da humanidade em todos os tempos.

Por outro lado parece-nos, Não só pela experiência livresca, mas pela percepção pessoal, salvo melhor juízo, que o fim último da Maçonaria é baseado nos princípios de liberdade e de pensamento e de expressão, voltado ao aperfeiçoamento individual de seus membros e, em última medida, de toda a humanidade. A instituição, cujo nome deriva o termo *maçon*,⁵ originou-se de corporações de ofício na Idade Média, como diria, por analogia Santo Agostinho, *rationes seminales*⁶, *de germe* dos sindicatos modernos, onde aprendizes e mestres se reuniam para discutir questões profissionais.

Percebe-se na Maçonaria uma certa preponderância da imanência sobre a transcendência no confronto da existência e finalidade das suas funções. A Igreja, por outro lado, baseia sua finalidade última na transcendência, no futuro escatológico. A Maçonaria conquista sua finalidade em função da organização, realização pessoal e alegria humana, com reflexo no imanente.

A *Maçonaria*, Ordem Universal, é constituída por homens de todas as raças e nacionalidades, acolhidos por iniciação e congregados em Lojas, nas quais auxiliados por símbolos e alegorias, estudam e trabalham para o aperfeiçoamento da sociedade humana. É fundada no amor fraternal e na esperança de que, com amor a Deus, à

⁵ Pedreiro em francês.

⁶ Na visão agostiniana, estas *razões seminais* são postas na matéria por Deus e aos poucos se desenvolvem nos seres viventes.

pátria, à família e ao próximo, com tolerância e sabedoria, com a constante e livre investigação da verdade, com a evolução do conhecimento humano pela filosofia, ciências e artes, sob a tríade da liberdade, igualdade e fraternidade e dentro dos princípios da moral, da razão e da justiça, o mundo alcance a felicidade geral e a paz universal.

Aqui não estamos declarando quem é melhor, mais santo, mais virtuoso, mas apenas queremos visibilizar trajetórias, alcances de finalidades por vias diversas. Assim sendo, podemos nos declarar cristãos e não seguir os passos de Jesus de Nazaré. O mesmo poderá acontecer em afirmar ser maçom e desviar-se das virtudes e perfeições maçônicas. Em ambas distorções estaremos enganando não só as instituições, mas nós mesmos. Nós somos mortais, seres passageiros. A Maçonaria continuará a intensificar suas virtudes e obras em vista do imanente.

A Igreja continuará sua missão salvífica no mundo, independente dos pecados e falhas de seus membros. Carregará suas dores, fracassos e os alimentará da Comunhão e da Palavra. Mesmo porque somos conscientes que a Igreja é menor que a sociedade, e o mundo é menor que o Reinado de Deus.

3 IGREJA E MAÇONARIA

Estamos aqui como pastor e o pastor não diferencia para dispersar, mas procura a todo o custo reunir o rebanho separado, disperso e conduzi-lo à vida, e vida em plenitude. O que nos interessa não é a diferença, a qual poderá nos impulsionar para um caminho egoísta, separatista, que nos torna indiferentes e distantes uns dos outros, ademais, em que poderemos crescer, conhecer e contribuir para uma humanidade sedenta de fraternidade, de justiça e por que não diríamos de salvação eterna?

Assim como o termo “igreja”, originário do grego “*εκκλησια*” traduzido para o latim “*ecclesia*” é genérico, da mesma forma se dá com “maçonaria”. Diferente será se

nos referimos à Igreja Católica, Povo de Deus, Comunhão e Participação. Ou ainda, se Católica, de rito romano ou oriental? Se evangélica, Batista? Presbiteriana? Assembléia de Deus etc? Uma vez Católica, no Brasil? França? Alemanha? EUA? Quanto à Maçonaria, na Itália? França? Espanha? Bolívia? Brasil, no Maranhão? É bem verdade que, em cada lugar social, tanto a Igreja Povo de Deus, quanto a Maçonaria se encarnam em culturas e realidades diferentes. Elas com certeza transformam e inevitavelmente sofrem transformações em suas relações com os povos, queiramos ou não. A Igreja perde a sua generalidade quando se atualiza no mundo e anuncia a mensagem de Jesus Cristo de salvação, a todos os povos, línguas e nações.

A ação dos “pedreiros livres” na Itália, por exemplo, jamais poderá ser igual a ação dos pedreiros maranhenses em São Luís do Maranhão. Daí dizer que a Maçonaria, Ordem Universal, terá que se encarnar na cultura do povo maranhense, para fazer do lugar social o seu núcleo de existência e subsistência, com certeza terá que sofrer algumas variações. Só assim podemos compreender melhor a existência das diversidades de ritos, lojas etc.

Por outro lado, não podemos ser ingênuos. Assim como a Igreja, a Maçonaria possui seus princípios bem definidos enquanto instituição juridicamente constituída. Contudo, não cremos que esta proíba algum “pedreiro” possuir sua religião, sua fé. Caso contrário, estaria entrando em contradição com o seu próprio ordenamento. E como sabemos, as normas de um ordenamento jurídico são dispostas hierarquicamente de forma a não contemplar a contradição entre elas.

Mas quando nos referimos à Maçonaria, temos que saber a que corrente se entende: a anglo-saxônica ou a franco-maçônica? A atéia? A deísta? A Anti-clerical ou de tendência católica? Como se percebe, neste universo de entendimento nada se constitui simples. Tudo é muito complexo.

A Igreja em um documento da Congregação para a Doutrina da Fé declara que não compete às autoridades eclesiais locais: Conferência Episcopal, Bispos, párocos, sacerdotes, religiosos pronunciarem-se sobre a natureza das associações maçônicas, com um juízo que implique derrogação do quanto se estabelece. Faz referência à Declaração de 17 de fevereiro de 1981, que reservava à Sé Apostólica qualquer pronunciamento que implicasse em derrogação da lei canônica em vigor. Previa excomunhão “ipso facto” a quem ingressasse na Maçonaria, baseando-se no CIC, can 2335, de 1917, hoje legislação revogada.

Entendemos que uma incompatibilidade do ponto de vista doutrinário não significa fomentar um clima de hostilidade. Preservar a própria identidade e defendê-la, não significa incentivar atritos. Aliás, somente o respeito à Verdade facilita paz e a busca da concórdia entre os seres humanos.

No período pós-conciliar, com relação entre Igreja e Maçonaria, tem-se percebido uma certa evolução entre católicos e “pedreiros livres”. Embora permanecendo separadas, existe um clima de respeito mútuo que permite um diálogo proveitoso. O exemplo foi o surgimento de reuniões entre católicos e maçons para estudo, como o de uma Comissão das Grandes Lojas reunidas da Alemanha e a Conferência Episcopal Alemã, de 1974 a 1980.

A Declaração final do Episcopado alemão evidenciou a incompatibilidade, pois a Maçonaria não mudou em sua essência. A pesquisa acurada sobre rituais e os fundamentos da Maçonaria demonstraram a existência de doutrinas que se excluíam. Entre as causas da separação estava: a ideologia dos “pedreiros livres”, o conceito de Verdade, de Religião, de Deus, a Revelação, sobre a tolerância, os ritos, a perfeição do homem e a espiritualidade. Por outro lado, a realidade alemã previa possibilidade de colaboração pastoral na área da Justiça Social e Direitos Humanos.

Nós estamos aqui não em nome daquilo que nos separa, mas em nome d'Aquele que nos une. Portanto, o nosso interesse em dialogar com os "pedreiros livres" fica por conta de nossa vocação primeira, de ser gente humana. A dimensão dialógica do ser humano é inerente à sua própria existência. O ser humano sem pão não vive, mas sem diálogo, perece, se angustia, perde o sentido de viver e falece de forma drástica e indesejável a todos nós.

Assim sendo, acreditamos que o respeito mútuo e fidelidade aos ensinamentos da Igreja nos possibilitam uma convivência pacífica e harmoniosa com os irmãos "pedreiros livres".

4 UM JUÍZO DE VALOR

Certa vez, o Cardeal da Cunha, encarregado em estudar os autos do processo do Pe. Vieira, confiou ao Pe. Carlos Antônio Casneli e, este, após analisar a *Clavis Profetarum*, questionou: por que sentenciaram Pe. Antônio Vieira? Vieira teria dito: "ouviu-me quem me não entendeu e sentenciou-me quem me não ouviu". Julgar o que seja a Maçonaria é fácil, qualquer pessoa de bom senso poderá fazê-lo. O difícil será encontrar correspondência com aquilo que se diz sê-la com o que realmente é. O povo tem muitas fantasias em torno da Maçonaria, mas isto se dá pela falta de conhecimento, aprofundamento e leitura.

Para muitos, Maçonaria é uma entidade filantrópica, semelhante a um clube de serviço, como o Rotary e o Lyons. Para esses poderia parecer implicância da Igreja Católica vetar aos fiéis o ingresso na Maçonaria.

Segundo o nosso entendimento, a Instituição dos pedreiros livres não é mera entidade filantrópica. Ela se apresenta também como instituição com princípios filosófico-religiosos.

Dempsey de SEVILHA, maranhense de Viana, sede da cidade na qual Deus nos confiou a Diocese de Viana, nobre escritor, "pedreiro livre" convicto, em seu laborioso

livro “Isto é Maçonaria”, descreve:

A maçonaria é para uns, instituição que oculta no mistério a puridade de seu objeto, o ridículo de suas cerimônias e a extravagância de suas alegorias; uma instituição sem razão de ser, sem jeitos notáveis que lhe dê ressonância, sem história em uma palavra.

Para outros, é uma conspiração constante contra a Igreja e o Estado; e não falta quem a suponha um centro de perversão, cujos membros permanecem unidos pelos vícios mais escandalosos.

Jamais, sociedade alguma, entre as muitas que tem existido e existem no mundo, tem sido julgada com mais ligeireza nem mais paixão; nenhuma mais ridicularizada pelos ignôrantes nem acerca da qual se hajam formados juízos mais contraditórios; porém ninguém afinal tem saído nem ileso nem mais triunfante desse cúmulo de suposições e invenções, com que se tem pretendido ridicularizar nossos sagrados mistérios.⁷

Há muita falta de conhecimento sobre a Instituição dos “pedreiros livres”. Contudo, parece-nos que a referida não demonstra muito interesse em aprofundar suas verdades ao povo. Esta, salvo melhor entendimento, reserva seus ensinamentos, suas verdades, seus mistérios aos seus iniciados. Assim sendo, quem não percorre o caminho da

⁷ SEVILHA, de Dempsey. **Isto é Maçonaria**. São Luís, 1982, p. 191.

iniciação dificilmente poderá conhecer as verdades sobre a Maçonaria. Eis aí a fonte de muitas controvérsias e desentendimentos.

Por diversas vezes, ao longo dos séculos, a Igreja condenou a Maçonaria. Porém, nunca ficaram muito claras as razões aduzidas para essas condenações. Podemos talvez dizer que a Igreja a condenava por ser sociedade suspeita de heresia e de maquinar contra os poderes constituídos e contra a própria Igreja.

Para a Sé Apostólica hoje, a Instituição dos pedreiros, é uma entidade com princípios filosófico-religiosos inconciliáveis com a doutrina cristã.⁸ Contudo, em muitos lugares do mundo existem experiências de trabalho em comum.

Toda prática é uma tática. Só a experiência poderá desfazer os rigores da lei. A lei mata, o Espírito vivifica, nos ensina a Sagrada Escritura. Muitos de nossos fiéis, inclusive agentes de Pastoral e outros bem engajados e participantes são membros da Maçonaria. Estes dizem que não estão percebendo nada que contrarie a doutrina da Igreja.

Se algo na Maçonaria contraia a fé dos cristãos, quem deve em primeiro lugar se pronunciar são estes irmãos, agentes de Pastoral, iniciados no quadro da Instituição dos "pedreiros livres".

Disse Jesus, através das palavras do evangelista João:

Quem crê em mim, não é em mim que crê, mas naquele que me enviou. Quem me vê, vê aquele que me enviou. Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que crê em

⁸ SACRA CONGREGATIO PRO DOCTRINA FIDEI, **Declaratio Quaesitum est de associationibus massonicis**, 26 novembri, 1983: AAS 76 (1984), p. 300.

mim não permaneça nas trevas. Se alguém ouve as minhas palavras e não as observa, não sou eu que o julgo, porque vim não para julgar o mundo, mas para salvá-lo. Quem me rejeita e não acolhe minhas palavras já tem quem o julgue: a palavra que eu falei o julgará no último dia. Porque eu não falei por conta própria, mas o Pai que me enviou, ele é quem me ordenou o que devo dizer e falar. E eu sei: o que ele ordena é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, eu o falo de acordo com o que o Pai me disse.⁹

Nós nos sentimos chamados pela Palavra revelada. Acreditamos em Cristo Jesus. Nossa missão não contradiz a missão de Cristo. O que nos interessa é que nos amemos uns aos outros. E que tenhamos vida e vida em plenitude.

De nada valeria proclamar a fé em Cristo, na Igreja e praticar injustiça com os irmãos e irmãs. É respeitável a lição de Ruy Barbosa, cujo respeito aos seus ensinamentos é digno e louvável. Ensinamentos estes que gozam de preeminência entre os “pedreiros livres”. Diz ele, com relação à síntese de todos os mandamentos:

Não desertar a justiça, nem cortejá-la. Não lhe faltar com a fidelidade, nem lhe recusar o conselho. Não transfugir da legalidade para a violência, nem trocar a ordem pela anarquia. Não antepor os poderosos aos desvalidos, nem recusar patrocínio a estes

⁹ BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. 2. ed São Paulo, Vozes, 2002. Jo 12, 44-50.

contra aqueles. Não servir sem independência à justiça, nem quebrar da verdade ante o poder. Não colaborar em perseguições ou atentados, nem pleitear pela iniquidade ou imoralidade. Não se subtrair à defesa das causas impopulares, nem perigosas, quando justas [...] Não fazer da banca balcão, ou da ciência mercatura. Não ser baixo com os grandes, nem arrogante com os miseráveis. Sêrvir aos opulentos com altivez e aos indigentes com caridade. Amar a pátria, estremecer o próximo, guardar fé em Deus, na verdade e no bem.¹⁰

Como podemos observar, um “pedreiro livre” não poderá em nenhum momento chamar para si valores contrários à vida, à humanidade e à vontade divina. Se for verdade que temos que guardar a fé em Deus, então não podemos desprezar os seus ensinamentos e, muito menos, seus mandamentos.

5 A JUSTIÇA E O ITINERÁRIO DOS “PEDREIROS LIVRES”

A Bíblia é Palavra revelada. É fonte de revelação por excelência. É luz para todos os povos, línguas e nações, assim acreditamos.

Contudo, para a Maçonaria, segundo nossa ligeira reflexão, no *rito escorcês*,¹¹ o candidato é avisado pelo símbolo dos olhos vendados e pelo símbolo da ponta da

¹⁰ BARBOSA, Ruy. **Oração aos moços**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 60-61.

¹¹ Cf. CAMINO, Rizzardo da. **Rito escorcês antigo e aceito: loja de perfeição: (graus 1º ao 33º)** São Paulo: Madras, 2004. p. 159.

espada sobre o peito, declara-se:

A arma, cuja ponta sentis, simboliza o remorso que há de perseguir-vos, se fordes traidor à Associação a que desejais pertencer. O estado de cegueira em que vos achais é símbolo do mortal que não conhece a estrada da virtude que ides principiar a percorrer. Que queres de nós, senhor? E logo depois o venerável continua: refleti bem no que pedis. Não conheceis os dogmas e os fins da Associação a que desejais pertencer?. Este não é um simples agrupamento de auxílio mútuo e de caridade, tem responsabilidade e deveres para com a sociedade e para com a humanidade [...] não devereis combater somente as nossas paixões, mas ainda outros inimigos da humanidade, como sejam os hipócritas que enganam; os pérfidos que a defraudam; os fanáticos que a oprimem; os ambiciosos que usurpam; e os corruptos e sem princípios, que abusam da confiança das massas.¹²

Os “pedreiros livres” procuram a todo o custo enfatizar a defesa da justiça. A Maçonaria se volta contra todo o tipo de injustiça, sobretudo quando esta for contra os mais fracos, desfavorecidos.

¹² Estes textos são reservados aos iniciados, conferir: **Gr.: Or.: e Supr.: Const.: do Brasil**. RITUAL do 3º Grau – MESTRE. Adotado pelo SUPR\CONST.: DO BRASIL em 1 de julho de 1898. Rio de Janeiro: Hildebrandt, 1914; **Gr.: Or.: e Supr.: Const.: do Brasil**. RITUAL do 2º Grau – COMPANHEIRO. Adotado pelo SUPR.: CONST.: DO BRASIL em 1 de julho de 1898. Rio de Janeiro: Hildebrandt, 1909.

O juramento do “pedreiro livre” diante do livro sagrado dos cristãos, enfatiza muito bem esta ansiedade em defesa da justiça dos homens. No altar dos juramentos, o joelho esquerdo no chão, a mão direita sobre a constituição e a Bíblia, espada em cima, o compasso na mão esquerda, o candidato faz o juramento de aprendiz: “eu juro... em presença do Grande Arquiteto do Universo...” O rito moderno, o francês é bem diferente: “senhor, coloquei a mão direita sobre esse esquadro e sobre o livro que contém as leis maçônicas...” A Bíblia não é admitida, mas antes de ser aceito “em nome da Maçonaria Universal” o candidato responde a indagação: “prometeis praticar o auxílio aos fracos, a justiça a todos, a dedicação à família, à pátria e à dignidade para convosco? Responde: “eu prometo”.

Contudo, poderemos nos perguntar, qual a razão de tudo isso? Os ritos, juramentos? Materiais de auxílio dos pedreiros etc?

Preferimos procurar entender a caminhada da Maçonaria como itinerante, onde não haja exclusão mas entendimento e diálogo.

O início desta caminhada data-se a partir do momento em que os “pedreiros livres” procuraram voltar-se para sacralização do mundo por uma série de razões. Sacralização de suas formas e dos seus objetos.

Cada profissão adquiriu técnicas e ritos próprios aos seus trabalhos. Trabalhador, cada artesão se tornou um operário, um iniciado.

O trabalho, a arte, a profissão entravam num plano sagrado. Procurava-se robustecer este entendimento a partir de novas interpretações dos textos bíblicos. Cada profissão tinha sua própria iniciação – dos mistérios menores e a dos mistérios maiores – possibilitando à cada homem receber uma influência espiritual. Esta permitia à profissão ser a continuação, extensão, uma projeção do ser humano na direção de uma realização espiritual. O trabalho, a profissão eram necessários à sobrevivência

material, assim também necessários à excelência, à grandeza e à transcendência do ser humano.

É possível um diálogo com os irmãos “pedreiros livres”? É possível visibilizarmos e percorrermos o mesmo itinerário? Estas indagações, naturalmente quem as devem responder serão somente os pedreiros convictos de sabedoria, amor ao próximo, unidade fraterna, caridade, respeito mútuo, confiança e crença no Deus altíssimo, este Deus que nos dá todo bem. De nossa parte, tendemos a uma abertura e aceitação a caminharmos juntos, pelo menos ao que nos seja possível.

6 DIÁLOGO E ACEITAÇÃO FRATERNA

O nosso ponto de partida para uma caminhada itinerante é a fé. A carta de Paulo aos romanos afirma que o Evangelho é a força de Deus que salva. Condição única para isso, deve se entregar a Deus mediante a fé. Pois não há outro meio para se libertar da condição de pecador: nem a Lei de Moisés, nem ritos, nem sistemas filosóficos, nem poderes cósmicos ou humanos, poderá salvar. A fé é certeza firme e contínua de que o projeto de Deus se realiza em Jesus Cristo e continua realizando-se no meio dos homens.

A fé leva o fiel a uma nova dinâmica da vida; o homem deixa de ser receptor passivo e se torna, junto com Deus, agente ativo de salvação dentro da história:

Eu não me envergonho do evangelho, pois ele é a força salvadora de Deus para todo aquele que crê, primeiro para os judeus, mas também para o grego. Nele se revela a justiça de Deus, que vem pela fé, como está escrito: o justo viverá pela fé.¹³

¹³ Rm, 1, 16-17.

Assim nos relata um pesquisador renomado no âmbito da maçonaria:

O católico que se faz maçom, não é denunciado, nem perseguido. A Igreja não tem livros negros. Pelo contrário, a Igreja acompanha com suas orações os filhos pródigos que abandonaram a casa paterna. Quantos braços estarão neste momento erguidos em sinal de súplica e prece a Deus, pedindo perdão pelas infidelidades, implorando a graça divina pela conversão dos pecadores e oferecendo-se à justiça infinita em reparação e desagravo. Há comunidades inteiras de religiosos e religiosas que, oficialmente, não têm outra incumbência senão a de suplicar e fazer penitência pelos católicos que pecaram e se obstinam no pecado. E não se cansa a Igreja de a todos recomendar a insistente e freqüente oração pela conversão dos pecadores e transviados. E com paciência! Sempre de braços abertos, prontos a receber o filho pródigo que retorna arrependido à casa paterna.¹⁴

Ademais, o diálogo com a Maçonaria é possível e desejável. A Igreja Católica possui uma vocação inata para o diálogo fraterno, com qualquer pessoa ou instituição. Temática estudada recentemente na **Assembléia do Povo de Deus**, em vista da construção do 4º Plano Pastoral da

¹⁴ KLOPPENBURG, Dom Boaventura. **Igreja e Maçonaria: conciliação possível?**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, 260.

Igreja do Maranhão.¹⁵ Para tanto será necessário partir de um respeito mútuo: os católicos não devem desprezar, odiar o ser maçônico, nem os maçons podem partir de uma atitude de detração e insulto do ser católico. Com os “pedreiros livres” poderemos dialogar sobre o conceito de Deus; sobre o ser do homem, sua destinação, sua dignidade; sobre a sociedade humana e a função em relação ao indivíduo; sobre os ritos e seu significado.

Enfim, assim sendo, poderemos provocar um diálogo doutrinário sadio em vista do bem comum, de tal forma que nenhum dos interlocutores¹⁶ se coloque na frente em vista de lucro com presença e atuação do outro. Essa colaboração, na verdade, não poderá mascarar as diferenças reais entre ambos. Podemos sim, reconhecer na Maçonaria atitudes humanistas que podem coincidir com ações caritativas da Igreja. Em alguns casos, envolvendo problemas sociais mais candentes, seria possível uma ação conjunta, sem provocar exclusão, mas convívio fraterno. Somente assim poderemos pensar, refletir em uma caminhada itinerante, onde se contemple o respeito mútuo e aceitação da graça divina, a qual possa nos redimir e salvar.

¹⁵ Assim foi declarado e aceito na Assembléia: “Não se fechar para aqueles que são “diferentes”, mas aceitar que nem todos pensam e agem conforme os padrões adotados pela Igreja...”. REGIONAL NORDESTE 5 DA CNBB. **Assembléia do Povo de Deus**. Processo de construção do 4º Plano Pastoral. São Luís: Regional Nordeste 5 da CNBB, p. 61.

¹⁶ HORTAL, Jesus. **Maçonaria e Igreja: conciliáveis ou inconciliáveis?** 4. ed. São Paulo: Paulus, 2002. (Estudos da CNBB; 66).

REFERÊNCIAS

ASLAN, Nicola. **História da Maçonaria**: cronologia e documentos. Rio de Janeiro, 1959. (Biblioteca Maçônica, 4).

BARBOSA, Ruy. **Oração aos moços**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 60-61.

CAMINO, Rizzardo da. **Rito Escorces Antigo e Aceito: Loja de Perfeição: (graus 1º ao 33º)** São Paulo: Madras, 2004, p. 159.

COLLANTES, Justo. **A fé católica**: documentos do Magistério da Igreja. Das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro: Lúmen Christi, 2003, p.113.

COUTO. José de Almeida. **Declaração de abjuração de Maçonaria**, 8 de out. 1953.

DAMASCENO, João Ribeiro. A luz do maçonismo: o espírito maçônico. In:____. **A trolha**, Paraná, v. 33, n. 203, p. 33-34, set. 2003.

FERNANDES, Fábio. O que é maçonaria. Revista das religiões o mundo da fé. **Super interessante**, mar. p.10, 2004.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL DO BRASIL. Ritual do 2º Grau – COMPANHEIRO. Adotado pelo SUPR.: CONST.: DO BRASIL em 1 de julho de 1898. Rio de Janeiro: Hildebrandt, 1909.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. Ritual do 3º Grau – MESTRE. Adotado pelo SUPR.: CONST.: DO BRASIL em 1 de julho de 1898. Rio de Janeiro: Hildebrandt, 1914.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. Ritual do 3º grau-mestre do rito adornhiramita. Rio de janeiro: Archanjo, 1916.

HORTAL, Jesus. **Maçonaria e Igreja: conciliáveis ou inconciliáveis?** 4. ed. São Paulo: Paulus, 2002 (Estudos da CNBB; 66).

KLOPPENBURG, Dom Boaventura. **Igreja e Maçonaria: conciliação possível?** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LACOMBE, Américo Jacobina-BARBOSA, Francisco de Assis. Maçonaria. In:_____. **Enciclopédia Mirador Internacional**. São Paulo: Encyclopædia Britannica do Brasil Publicações, 1980, p. 7084-7090. 13v.

MAÇONS. Brasil. Grande Oriente. Constituição do Grande Oriente do Brasil promulgada em 23 de maio de 1951. Rio de Janeiro, 1951.

PORTO, A. Campos. **A Igreja Católica e a Maçonaria**. Rio de Janeiro, 1957.

Reg.:Int.: da Aug.: e Resp.: Loj.: Cap.: Rio Branco Quarta, Maranhão, 1906.

REGIONAL NORDESTE 5 DA CNBB. Assembléia do Povo de Deus. **Processo de construção do 4º Plano Pastoral**. São Luís: Regional Nordeste 5 da CNBB.

Regulamento particular da Aug.: e Resp.: Loj.: “17 de outubro” ao Or.: de São Luiz do Maranhão, Maranhão: Typografia “Rabello”, 1911.

SACRA CONGREGATIO PRO DOCTRINA FIDEI, **Declaratio Quaesitum est de associationibus massonicis**, 26 novembri, 1983: AAS 76 (1984), p. 300.

SEVILHA, de Dempsey. **Isto é maçonaria**. São Luís, 1982.